

## MUSEU NACIONAL APÓS INCÊNDIO DE 2018: ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

### THE NATIONAL MUSEUM SCIENTIFIC DISSEMINATION'S AFTER THE 2018 FIRE: A CASE STUDY THROUGH DOCUMENTARY RESEARCH.

Júlia Beatriz Andrade Silveira<sup>1</sup> 

Marcelo Borges Rocha<sup>2</sup> 

#### Resumo

Com o passar dos anos, o crescimento dos centros de ciências e museus tem sido correlacionado ao avanço da Divulgação Científica (DC). Um museu precisa estruturar suas atividades de forma que o público se interesse pelos assuntos, criando assim, ações, eventos e projetos dinâmicos. O Museu Nacional (MN), desde 1818, é uma das principais instituições não formais que conta com um dos maiores acervos históricos e biológicos do mundo. Em 2018, um incêndio devastou o palácio e grande parte das suas coleções foi perdida. Este estudo teve o objetivo de analisar o prosseguimento das atividades DC promovidas ou que envolvem o MN após o incêndio. Assim, foi realizada uma pesquisa documental de quatro importantes setores do MN responsáveis pela estruturação dessas atividades: Seção de Assistência ao Ensino (SAE), a Coordenadoria de Extensão (CE), Seção de Museologia (SEMU) e o Núcleo de Comunicação e Eventos (NCE). Foram examinadas 59 atividades documentadas por três destes setores. Como resultado, observou-se que muitas atividades de DC prosseguiram, novas surgiram e algumas se expandiram. Entretanto, a perda do palácio ocasionou algumas alterações na estruturação da instituição e na exclusão de algumas atividades fundamentais para a divulgação do conhecimento científico.

**Palavras chave:** divulgação científica, Museu Nacional, pesquisa documental, espaço não-formal.

#### Abstract

Over the years, the growth of science centers and museums has been correlated with the advancement of Scientific Dissemination (SD). A museum needs to structure its activities in such a way that the public is interested in the subjects, thus creating dynamic actions, events and projects. The National Museum (NM), since 1818, is one of the main non-formal institutions that has one of the greatest historical and biological collections in the world. In 2018, a fire devastated the palace and most of its collections were lost. The aim of this study is to analyze the continuation of SD activities promoted or involving the NM after the fire. A documentary research of four NM's important sectors responsible for structuring these activities: Teaching Assistance Section (TAS), the Extension Coordination (EC), Museology Section (MUSE) and the Communication and Events Center (CEC). 59 documented activities of three of these sectors were examined. As a result, it was observed that many SD activities continued, new ones emerged and some expanded. However, the loss of the palace caused some changes in the institution's structure and the exclusion of some fundamental activities for the dissemination of scientific knowledge.

**Keywords:** scientific dissemination, National Museum, documentary research, non-formal space.

<sup>1</sup> Mestranda no Laboratório de Divulgação Científica e Ensino de Ciências do Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologia e Educação no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologia e Educação no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ.

## Introdução

Existe uma opinião consensual em relação à necessidade de se elaborar políticas e estratégias pedagógicas que efetivamente incorporem a compreensão do conhecimento científico, por meio de experiências fora da escola (FALK; DIERKING, 2002). Assim, estudos têm relatado o fato de o movimento da divulgação do conhecimento científico ter ampliado e se diversificado nos últimos anos no Brasil, com o aumento do número de museus e centros de ciências, configurando-se como espaços de educação não formais (MOREIRA; MASSARANI, 2002).

A educação não-formal tem alguns de seus objetivos próximos aos da educação formal, como, por exemplo, a formação holística do cidadão. Entretanto, a não-formal traz em sua prática espaços e formas distintas de discursar sobre cultura, diversidade e áreas das ciências sociais, humanas e da natureza. Desta forma, os espaços não formais de ensino se constituem como potencializadores da Divulgação Científica (DC).

Em busca de uma definição para espaço não-formal, é importante primeiro conceituar o que é espaço formal de educação. Os espaços formais são os ambientes que seguem padrões e normas, estando relacionados ao ambiente escolar. Em contrapartida, os espaços não-formais não são normatizados, a aprendizagem se dá coletivamente em espaços abertos, suscetíveis a uma maior interação entre os envolvidos, com flexibilidade na metodologia e na seleção dos conteúdos a serem ministrados, capazes de gerar novos conhecimentos acerca de um determinado tema.

Dentre os espaços não formais, podemos destacar os museus de ciências, que organizam suas atividades de forma que o público seja atraído pelos assuntos tratados logo na primeira visita, uma vez que não há como prever quando os visitantes retornarão ao espaço (JACOBUCCI, 2008). Sendo assim, é fundamental o uso de recursos, estratégias e técnicas expositivas para divulgar a ciência e ajudar a instituir uma relação entre a exposição e o visitante.

Bueno (1995, p. 1421) conceitua DC como "um processo de recodificação, isto é, a transposição de uma linguagem especializada para uma linguagem não especializada, com objetivo de tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência". Dessa forma, por meio de uma linguagem mais acessível, práticas de DC auxiliam o público leigo na compreensão do conhecimento científico.

A linguagem científica presente nos museus pode se tornar um obstáculo para o público que nunca teve acesso a esse tipo de informação. Um dos diferenciais das ações realizadas nesses espaços é a presença de mediadores durante as atividades e exposições. Outro diferencial é a frequência de painéis explicativos e vídeos em minitelevisões, facilitando o entendimento do conteúdo divulgado. Essas estratégias vão ao encontro do que Lemke e Garcia (1992) afirmam que para aprender ciências é necessário se apropriar do discurso científico, com a necessidade de

aprender como determinados termos se relacionam através da identificação de padrões e da percepção das relações semânticas entre esses termos.

Diante das potencialidades dos espaços não formais, vale destacar que estes não devem assumir função didática como as atividades educacionais que são desenvolvidas pela escola (SILVA, 2006). Assim, os museus de ciências devem ser percebidos como espaços para o enriquecimento e complementação do ensino, despertando em seus visitantes o interesse pela Ciência.

Dentre os museus de ciências no Brasil, podemos destacar o Museu Nacional (MN), primeiro museu do país, criado em 1818 por D. João VI, localizado atualmente em São Cristóvão na cidade do Rio de Janeiro (RJ). O MN é tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional por se tratar de um museu repleto de conteúdos e espécimes científicos, culturais e históricos.

Além de um rico acervo mineralógico, etnográfico, zoológico e botânico desde 1822, direções como a de Ladislau Netto (entre 1874 e 1893) e Roquette-Pinto (1905-1935) se resumiram na dedicação à função educativa do museu e acesso ao conhecimento pela sociedade. Palestras públicas e cursos livres contribuíam para a progressão do acesso ao conhecimento ali cultivado, em uma época sem universidades no país.

O museu recebia visitas escolares ao longo do ano possibilitando o acesso as informações acerca das ciências da natureza e ciências humanas, de forma dinâmica e prática. Entretanto, em 2 de setembro de 2018, um incêndio destruiu grande parte do acervo e o Palácio onde a Família Real viveu durante anos. Desde então, se pensa na reestruturação, em como o MN poderia seguir sem seu palácio. Assim, questionamos, através desta pesquisa, como o MN prosseguiu como um dos mais importantes espaços não formais de divulgação da ciência do mundo após o incêndio?

O MN, maior museu de história natural e antropológica da América Latina, é o tema desse estudo, o qual focará em sua DC após o incêndio de 2018. Portanto, o presente estudo teve como objetivo fazer uma análise documental das atividades de DC realizadas por quatro setores do MN responsáveis por essas atividades: Seção de Assistência ao Ensino (SAE), a Coordenadoria de Extensão (CE), Seção de Museologia (SEMU) e o Núcleo de Comunicação e Eventos (NCE). Com estes dados documentais torna-se possível analisar o prosseguimento dessas ações, a ocorrência após o incêndio e quais alterações ocorreram devido a perda do palácio e das coleções científicas.

### **Percurso metodológico**

A presente pesquisa caracterizou-se como qualitativa por se tratar de um estudo realizado no local da origem dos dados e com um enfoque indutivo, pois estuda as relações existentes de um determinado caso. Tal metodologia supõe um corte temporal-espacial de um fenômeno por parte do pesquisador, além de trazer um significado a análise efetuada.

A Pesquisa Qualitativa (PQ) segundo Ludke e André (1986), possui crescente aceitação na área educacional, devido ao seu potencial para estudar as questões relacionadas ao ensino. Martins et al. (2004) define que PQ permite uma flexibilidade no que diz respeito a coleta de dados, oferecendo assim, maior flexibilidade ao pesquisador.

O incêndio do MN provocou consequências quanto ao prosseguimento das atividades de DC que eram realizadas, principalmente quando se fala da perda do palácio e do acervo. Assim, por se tratar de um fenômeno contemporâneo e não histórico, pode-se dizer que o foco do estudo é um caso singular, uma das particularidades do estudo de caso.

Um estudo de caso é sempre bem contornado, apresentando três fases em seu desenvolvimento: a fase exploratória; a delimitação do estudo e a coleta de dados; e a análise sistemática desses dados (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Na primeira fase desse estudo, a fim de delimitar a pesquisa, foi realizada uma busca nos sites do MN para descobrir quais eram os departamentos e setores responsáveis pelas atividades do mesmo. Na segunda, para a coleta de dados utilizou-se a Pesquisa Documental (PD). E na terceira, a análise sistemática foi dividida para auxiliar na interpretação dos dados.

A coleta de dados apoiou-se em documentos disponibilizados pelo MN. O uso de documentos em pesquisa permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. Segundo Sá-Silva et al. (2009), a riqueza de informações contida em documentos possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

É necessário realizar uma avaliação preliminar de cada documento, considerando contextos e críticas. Assim, as informações produzidas vêm de um olhar minucioso específico das fontes documentais, sendo necessário neste estudo. Dessa forma, para investigar o prosseguimento das atividades de DC do MN, foram solicitados documentos de quatro setores responsáveis por grande parte dessas atividades: Seção de Assistência ao Ensino (SAE), a Coordenadoria de Extensão (CE), Seção de Museologia (SEMU) e o Núcleo de Comunicação e Eventos (NCE). A fim de obter documentos alinhados a questão desse estudo, foi solicitado aos setores materiais onde continham os registros das atividades realizadas no período do segundo semestre de 2017 até o segundo semestre de 2019, totalizando 15 meses antes e 15 meses depois do incêndio. Os documentos obtidos dos setores SAE e CE possuem formato do tipo relatório escrito em computador. A SEMU cedeu documentos no formato do tipo relatório em áudio, os quais foram transcritos para posteriormente serem analisados. Em relação ao NCE, não obtivemos resposta.

Apesar de os setores serem estruturados de forma independente, algumas atividades do MN são desenvolvidas em parceria entre os setores. Para entender melhor do que se trata essas atividades, é primordial definir tais setores. Lembra-se que a Universidade Federal do Rio de Janeiro

(UFRJ) é responsável pelo MN, então as atividades desenvolvidas no museu contam com a participação de alunos, técnicos, servidores e professores da universidade como também de outras.

A SAE é um setor educativo do MN e, de acordo com o regimento, se trata de um órgão que atende as demandas do ensino referentes às Ciências Naturais e Antropológicas. Dentre suas ações regimentais estão: organizar e realizar cursos, palestras, campanhas educativas, conferências, exposições e sessões cinematográficas educativas para a DC. Uma equipe de técnicos em assuntos educacionais e auxiliares administrativos constituem a seção. As atividades obtidas através de PD da SAE são todas que prestam assistência a instituições de ensino, professores e alunos.

A CE é o setor responsável pela coordenação da política de extensão do MN em articulação com a política de Extensão Universitária da UFRJ. As ações de extensão podem ser desenvolvidas por qualquer servidor(a) que possua nível superior associado a educação e conta com a participação de estudantes. As atividades obtidas através de PD da CE são todas as ações de extensão (Programas, Projetos, Cursos ou Eventos) que envolvem o MN e a UFRJ, mas, não necessariamente desenvolvidas apenas pela CE.

A SEMU é uma equipe de servidores e técnicos responsáveis pelos projetos expositivos, concepção, montagem, higienização e manutenção de toda as exposições do MN. Essa seção também presta assessoria aos curadores em suas iniciativas de DC, no tocante as exposições museológicas, auxiliando na formatação e realizando a execução destes projetos (SEMU, 2020). Entretanto, não é responsabilidade do SEMU a gestão das reservas técnicas do MN, esta atribuição cabe aos Departamentos Acadêmicos, mas a parte de manutenção dos espaços museais do palácio é de responsabilidade dessa Seção. As atividades obtidas através de PD da SEMU são em maioria as exposições do MN, independentemente da localidade.

Já o NCE, é um setor particularmente recente, estando diretamente conectada a Assessoria de imprensa do MN. Como não recebemos os documentos, não temos informações suficientes sobre esse setor. No entanto, em um primeiro contato com a responsável do NCE, a mesma nos informou que praticamente todas as atividades de DC registradas pelo setor estariam presentes nos registros da SAE e da SEMU. Sendo assim, a ausência do documento possivelmente não altera os resultados dessa pesquisa.

A análise dos dados coletados a partir dos documentos será apresentada a partir da categoria “prosseguimento das atividades de DC do MN”, que se desmembra em três subcategorias: atividades que aconteciam antes do incêndio e prosseguiram após o incêndio; atividades que existiam antes do incêndio e não aconteceram após o incêndio; atividades criadas após o incêndio. Na subcategoria 1, as atividades que prosseguiram após o incêndio podem ter sofrido alterações, assim, a variável “Possíveis mudanças” é adicionada na análise. Na subcategoria 2, as atividades

podem não ter prosseguido tanto devido ao incêndio quanto por outros motivos. Na 3, ressalta-se que as atividades que surgiram após o incêndio, não necessariamente foram criadas para substituir uma outra atividade que tenha sido excluída.

## Resultados e discussão

Após a leitura dos documentos de cada setor, as atividades foram listadas em quadros seguindo os temas das três subcategorias. Essa análise buscou compreender através de PD como o MN está prosseguindo após o incêndio, examinando as atividades realizadas no período pré e pós-incêndio.

Ao todo, 59 atividades foram listadas nos documentos, o que não significa a soma das atividades de cada setor. Durante a leitura notou-se que algumas atividades constavam nos documentos de mais de um setor, se tratando de ações organizadas em conjunto através de parcerias e convites entre eles. Sendo assim, não foram contabilizadas as atividades de forma repetida, somente uma vez cada uma.

### Subcategoria 1: atividades que aconteciam antes do incêndio e prosseguiram após o incêndio.

Na análise desta subcategoria 1, obteve-se duas atividades da SEMU (Quadro 1), onze da CE (Quadro 2) e onze da SAE (Quadro 3). É relevante ressaltar que o prosseguimento dessas atividades não significa que não sofreram modificações devido o incêndio, pelo contrário, todos os setores relataram em seus documentos alterações em suas atividades. Com CE, grande parte das mudanças vieram em razão à perda do acervo que seria utilizado em suas atividades. No entanto, não foi possível saber, através do documento, quais atividades desse setor sofreram tais mudanças. Apenas nos documentos da SEMU e da SAE há dados sobre as devidas alterações nas suas ações.

#### Quadro 1. Atividades que aconteciam antes do incêndio e prosseguiram após o incêndio (SEMU)

- |   |
|---|
| 1. Quando nem tudo era gelo: novas descobertas no continente antártico              |
| 2. Participação nos Aniversários do Museu Nacional (e organização a partir de 2019) |

Fonte: Autores.

A SEMU, além de promover exposições no palácio, também cuidava da manutenção delas nesse espaço. Devido a perda do palácio, a seção precisou adaptar-se as regras de manutenção e espaço dos locais onde estavam sendo realizadas as novas exposições, prosseguindo com suas atividades. No quadro 1, consta a exposição “Quando nem tudo era gelo: novas descobertas no continente antártico”, a qual já estava programada para acontecer no palácio e a sala estava sendo preparada para a montagem. Após o incêndio muitas coleções foram perdidas, mas todo o acervo dessa exposição ficou intacto, pois estava em um laboratório para ser higienizado, e o mesmo fica

fora do palácio, em um prédio anexo. À vista disso, foi possível realizar a exposição, pois estava tudo pronto, inclusive o dinheiro do financiamento deste projeto. Assim, a SEMU precisou buscar locais para executar a exposição, caso contrário, o dinheiro investido teria que ser justificado a instituição e devolvido. Por fim, após a busca de locais, a exposição foi adaptada em um novo desenho e realizada no Centro Cultural Casa da Moeda, no Centro da cidade do RJ. Vale destacar, que foi a primeira exposição do MN após o incêndio.

Segundo Dentillo (2013), o volume e o ritmo de investimento em espaços museais ainda é considerado incipiente para cobrir a necessidade de um território grande e carente de educação formal e não formal como o Brasil. Sendo assim, o investimento em uma exposição como essa não foi descartado mesmo com todos os obstáculos enfrentados pelo MN, uma atitude que demonstra a força e resistência da equipe da instituição. Essa exposição entrou na subcategoria I mesmo não sendo realizada antes, contudo, estava totalmente planejada e desenhada para acontecer em setembro de 2018. A ocorrência do incêndio impossibilitou isto de acontecer.

A segunda atividade se refere as participações com alguma ação nos aniversários do MN. Todo ano em junho há a comemoração do aniversário do museu, onde são desenvolvidas visitas mediadas, oficinas, seminários, palestras e exposições que levam o visitante a uma viagem pelas pesquisas e acervos do MN. Essas atividades envolvem diversos setores, departamentos e laboratórios. No entanto, no documento da SEMU e da CE está destacado que esse evento é originalmente criado, cadastrado e organizado pelo NCE, mas em 2019 o registro sofreu alterações. Nos 201 anos, aniversário pós-incêndio, o evento passou a ser registrado pela CE como uma atividade de extensão (depois de anos sem isso acontecer). Assim, iniciou-se uma parceria entre o NCE, a SEMU e a CE, onde as duas últimas começaram a atuar também na organização, auxiliando na captação de recursos e na parceria com o Serviço Social do Comércio do Rio de Janeiro (SESC-RJ). Essa atividade foi selecionada dentro da subcategoria 1 da SEMU e da CE (Quadro 2) por ser um evento que já acontecia antes do incêndio e continua sendo realizado após, apesar da organização ser uma prática nova para ambos os setores.

**Quadro 2. Atividades que aconteciam antes do incêndio e prosseguiram após o incêndio (CE)**

1. Projeto Clube Jovens Cientistas no MN (UFRJ)
2. Curso básico de Línguas Indígenas Brasileiras com especial atenção às línguas da família Tupi-guarani
3. Projeto DGP responde!
4. Evento Ciência, História e Cultura: o Museu na Quinta da Boa Vista (Aniversário do museu)
5. Projeto Evolução Humana nas salas de aula: construindo materiais didáticos para a rede pública de ensino
6. Curso Meninas com Ciência: geologia, paleontologia e gênero no Museu Nacional
7. Projeto O museu em diálogo com seus diferentes públicos: ações de extensão da seção de assistência ao ensino do MN

8. Projeto O Museu Nacional na internet: democratização e globalização do acesso a um dos mais diversificados acervos museológicos mundiais
9. Projeto O potencial pedagógico da coleção didática da seção de assistência ao ensino do Museu Nacional sob a perspectiva da interação dialógica entre Museu x Sociedade
10. Projeto Repórter Natureza
11. Projeto Vertebrados – Biodiversidade e Evolução

Fonte: Autores.

No quadro acima, percebemos que essas onze atividades da CE estavam em prática antes do incêndio e felizmente prosseguiram depois. Oito delas são projetos de extensão que eram realizados ou planejados no palácio do MN e foram realocados para o Horto Botânico para sua continuação. Quando dizemos Projetos de Extensão, significam que são ações continuadas com no mínimo 12 meses de duração. No documento, praticamente todos os projetos de extensão do MN estão previstos com continuidade em 2020 e sem previsão de encerramento, exceto o projeto “Repórter Natureza”, cujo encerramento já estava previsto para dezembro de 2019.

Dentre os oito projetos, dois se tratam de um conjunto de práticas de outro setor: a SAE. Apesar de apresentarem atividades realizadas pela SAE, elas são pertencentes a projetos de extensão e por isso fazem parte do documento da CE. O primeiro, “O museu em diálogo com seus diferentes públicos: ações de extensão da seção de assistência ao ensino do MN” apresenta ações educativas desenvolvidas pela SAE, tendo como público-alvo estudantes da educação infantil e ensino fundamental II. Tais ações possuem caráter extensionista, propondo uma relação dialógica entre mediador e público. Nelas os saberes e as experiências são compartilhados, reafirmando o compromisso da CE na formação de indivíduos críticos, conscientes de sua participação social, com consciência ambiental e de suas ações no mundo (MN, 2020). Este projeto contava com a função principal de integrar duas ações específicas. Essas duas ações estão presentes no documento da SAE, descritas como atividades que não aconteceram mais depois de setembro de 2018 (Quadro 6) e serão discutidas na análise da subcategoria 2. Mesmo assim o projeto prossegue ativo pois há intenção e possibilidade de reformulação com o acréscimo de novas atividades.

O segundo projeto “O potencial pedagógico da coleção didática da seção de assistência ao ensino do Museu Nacional sob a perspectiva da interação dialógica entre Museu x Sociedade” prevê ações vinculadas ao apoio pedagógico à professores, educadores da educação básica, de instituições públicas e privadas, a partir de material didático disponibilizado a esse público pela SAE (MN, 2020). Reafirmando o seu compromisso institucional, a CE neste projeto busca contribuir na formação dos estudantes a partir de uma relação dialógica com professores da educação básica e de uma perspectiva interdisciplinar. O material didático disponibilizado refere-se à ação da SAE “Empréstimo da Coleção Didática” listada no quadro 3 como uma atividade que prosseguiu após o incêndio, ou seja, tanto o projeto quanto a ação pertencente a ele continuam ativos.



Dois cursos de extensão também compõem o quadro da CE na subcategoria I. Eles em sua maioria aconteceram em apenas uma edição, porém o “Curso básico de Línguas Indígenas Brasileiras com especial atenção às línguas da família Tupi-guarani” e o “Curso Meninas com Ciência: geologia, paleontologia e gênero no Museu Nacional” tiveram algumas edições. Em relação ao primeiro, em edições anteriores (pré-incêndio), o curso realizou inscrição e formou uma turma fixa de estudantes, mas em razão do incêndio e visando reforçar a ideia de que o MN continua existindo, a CE optou por deixar as portas abertas em todas as atividades, aumentando o número de participantes.

O curso “Meninas com Ciência”, realizado uma vez a cada semestre, prosseguiu com suas atividades e também aumentou o número de participantes. Esta atividade além de ensinar as meninas estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental sobre diferentes áreas da pesquisa em ciências, também traz um viés de representatividade, pois todas as práticas são ensinadas e promovidas por mulheres pesquisadoras do MN. Segundo Olinto (2011), a formação acadêmica e o ingresso das mulheres na carreira científica são essenciais para a diminuição das diferenças entre homens e mulheres principalmente no mercado de trabalho. As práticas e os estímulos ministrados a essas meninas durante o curso, mostrando a possibilidade de ingresso em uma carreira científica no futuro, fazem com que essa atividade seja fundamental no prosseguimento do Museu.

Por fim, apenas um evento entrou nessa subcategoria, sendo denominado “Ciência, História e Cultura: o Museu na Quinta da Boa Vista”. Este evento se trata do nome de registro original do “Aniversário do Museu Nacional”, já discutido anteriormente. Ressalta-se novamente que tanto a SEMU, quanto a CE participam assiduamente dos eventos de aniversários que sempre ocorreram (e continuam ocorrendo), porém só em 2019 que ambas entraram para a organização.

**Quadro 3. Atividades que aconteciam antes do incêndio e prosseguiram após o incêndio (SAE)**

1. Empréstimo da Coleção Didática
2. Projeto Clube de Jovens Cientistas
3. Coordenação do Projeto de Iniciação Científica Jr. em convênio com o Colégio Pedro II
4. Participação em eventos de locais para divulgação científica no Museu da Vida
5. Participação em eventos de locais para divulgação científica no Espaço Ciência Viva
6. SAE na REDE: atividades educativas de DC pelas redes sociais da SAE, com os mediadores e especialistas
7. Projeto Entre Museus (parceria com o Museu do Amanhã)
8. Participação na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia
9. Participação na Semana de Museus
10. Participação na Primavera de Museus
11. Participação em Aniversários do Museu Nacional

Fonte: Autores.

Com a SAE, onze atividades prosseguiram (Quadro 3), entretanto algumas passaram por modificações que foram relatadas no documento. O “Empréstimo da Coleção Didática”, que é uma das principais atividades realizadas pela SAE emprestando espécimes do acervo científico do MN selecionadas para atividades didáticas, precisou fazer alterações após o incêndio. Essas mudanças foram: o número de lotes a se emprestar reduziu de 40 para até 20 unidades; os professores da instituição que solicitam o empréstimo não podem mais escolher qual lote levar, apenas podem escolher as classes taxonômicas que gostariam; os pedidos de empréstimo agora são exclusivamente realizados pelo blog e e-mail da SAE, não podendo mais solicitar pessoalmente. Essa atividade só continuou acontecendo, pois, toda a coleção da SAE não foi afetada pelo incêndio, possibilitando que suas práticas se mantivessem.

O empréstimo de coleções didáticas, principalmente zoológicas no caso da SAE, é fundamental para instituições como escolas utilizarem em suas aulas e feiras de ciências, possibilitando um aprendizado diferenciado. Azevedo et al. (2012) comenta sobre a relevância da utilização de coleções zoológicas como recurso didático, visto que este material possibilita que o aluno tenha uma nova visão da Ciência, percebendo-se como parte do mundo natural.

O projeto “Clube de Jovens Cientistas” (parceria da CE e SAE), que utilizava o palácio e as exposições em suas atividades, sofreu adaptações com a ampliação das visitas a outros espaços culturais e museus da cidade. O projeto “Entre Museus”, passou por situação semelhante por também usar o palácio e as exposições do MN para apresentar nas mediações. Assim, a mediação passou a ocorrer com o acervo natural da Quinta da Boa Vista, apresentando a diversidade de árvores e suas curiosidades em relação ao desenvolvimento da sociedade brasileira.

A “Coordenação do Projeto de Iniciação Científica Jr. em convênio com o Colégio Pedro II” também apresentou uma mudança. Não foi possível realizar o curso de formação de mediadores em museus, por não haver mais a exposição do MN. A formação se realizou com uma prática em contato com os mediadores veteranos e com estudos dos projetos a que estão vinculados.

Na atividade “SAE na REDE: atividades educativas de DC pelas redes sociais e mídias digitais da SAE, com os mediadores e especialistas convidados”, alguns temas abordados apresentavam vasto material relacionados as exposições do MN. Após o incêndio, a seção passou a optar por temas mais gerais e que as demais redes sociais apresentavam desde que tenham relação com as ciências naturais.

A “Primavera de museus” é uma semana organizada pelo MN que sempre ocorre no final de setembro com exposições, palestras, seminários, shows, exibição de filmes, etc. A programação é de inteira responsabilidade dos museus participantes e a SAE sempre participa dessa semana com alguma atividade diferente. No entanto, decorrente ao incêndio, no ano de 2018 os três setores se

uniram e resolveram realizá-la de uma outra forma, organizando um único e grande evento inédito na Quinta da Boa Vista, o qual será comentado na subcategoria 3: atividades criadas após o incêndio. As outras atividades que não foram mencionadas em relação as alterações, significa que prosseguiram sem a necessidade de mudanças significativas e não mencionadas no documento.

### **Subcategoria 2: atividades que existiam antes do incêndio e não prosseguiram após o incêndio**

Na análise da subcategoria 2, obteve-se quatro atividades da SEMU (Quadro 4), quatro da CE (Quadro 5) e cinco da SAE (Quadro 6). Nessa subcategoria, foram listadas as atividades que não prosseguiram suas práticas após o incêndio, entretanto, isto não significa que as mesmas foram interrompidas por causa dele, podendo haver outro motivo para a suspensão ou encerramento.

#### **Quadro 4. Atividades que existiam antes do incêndio e não aconteceram após o incêndio (SEMU)**

- |   |
|---|
| 1. Exposição Fixa do Palácio                        |
| 2. Exposição Expedição Coral: 1865-2018             |
| 3. Exposição itinerante: Tesouros do Museu Nacional |
| 4. Exposição de Mineralogia                         |

Fonte: Autores.

Uma atividade que foi interrompida devido ao incêndio é a “Exposição Fixa do Palácio”. A exposição que recebia pessoas do Brasil inteiro todos os anos, se distribuía em dois andares e estavam organizadas em seções: Evolução da Vida, Nos Passos da Humanidade, Culturas Mediterrâneas, Egito Antigo, Arqueologia Pré-colombiana, Arqueologia Brasileira onde se destacava Luzia, Etnologia Indígena Brasileira e Culturas do Pacífico, além das diversas seções dedicadas à Zoologia de Invertebrados e Vertebrados (MN, 2020). Os espécimes expostos eram selecionados pelos departamentos e laboratórios que trabalham com os temas das seções citadas. A SEMU realizava a manutenção das peças além da iluminação, espaço, montagem e desmontagens.

Em junho de 2018, alguns meses anteriores ao incêndio e em comemoração aos 200 anos, o MN inaugurou uma nova exposição para se juntar a fixa do palácio, a exposição “Expedição Coral: 1865-2018”. O visitante era convidado a explorar a descoberta dos corais e ambientes coralíneos e seu estado de conservação, desde o Brasil de Pedro II até hoje. Essa exposição era de uma produtora de fora, mas com o acervo e conteúdo do MN e manutenção realizada pela SEMU. Ela foi totalmente perdida no incêndio e não houve a possibilidade de ser remontada. Grande parte desse acervo é recuperável, pois vieram da coleção e coletas de um projeto concebido no MN, realizado por doze universidades e institutos de pesquisa, o projeto Coral Vivo, ativo há 20 anos. Entretanto, alguns espécimes expostos são irre recuperáveis, como os peixes Baiacu e Mero que possuíam peça única, o último não podendo coletar novamente por se tratar de um animal

ameaçado de extinção. Segundo Marandino (2009) espécimes de organismos conservados, taxidermizados e peças únicas, quando são estudados, conservados, organizados e expostos corretamente são testemunhos do patrimônio científico da humanidade e também essenciais no trabalho dos biólogos para conservação de ambientes e espécies.

O SEMU tinha uma exposição itinerante chamada “Tesouros do Museu Nacional” que ia para várias cidades do Brasil, percorrendo quase todos os estados do país, chegando a ir pra Argentina uma vez. Essa exposição foi interrompida e perdida no incêndio, pois quando não estava ativa em algum local, o acervo ficava guardado em cases que estavam dentro do palácio. Desde então, a SEMU está sem uma exposição itinerante por conta do incêndio.

A “Exposição de Mineralogia” se refere a uma exposição que seria feita em uma sala no primeiro andar do MN, onde no dia do incêndio estava uma exposição de paleobotânica. Essa atividade já estava orçada, financiada e organizada, trazendo uma das primeiras coleções do MN: uma coleção histórica de minerais. No entanto, toda a coleção se encontrava no palácio e foi queimada. Em sua organização já possuía um nome e programação de práticas interativas, abordando a importância da mineração para a sociedade. Essa exposição foi documentada como uma atividade impossível de ser refeita, pelo menos não como antes, pois possuía peças inviáveis de se recuperar. Essa atividade entrou nesta subcategoria por já estar totalmente planejada e em esquema de pré-montagem até o incêndio acontecer. Sendo assim, mesmo não tendo acontecido, ela foi uma atividade considerada interrompida consequente ao incêndio.

Um dado interessante de se comentar em relação a SEMU é que se essa seção era responsável pela manutenção das exposições do palácio e este não está mais em funcionamento, então isso foi uma prática que o incêndio interrompeu drasticamente, mesmo não se tratando de atividades de DC. Outro ponto é, que por ser um museu de história natural e antropologia, as coleções científicas existentes no MN estão todas dentro de departamentos. A SEMU ainda era responsável pela curadoria de uma coleção histórica de mobiliários e telas, mas esse acervo foi perdido no incêndio, então a curadoria dessa coleção é um trabalho que não é mais realizado.

**Quadro 5. Atividades que existiam antes do incêndio e não aconteceram após o incêndio (CE)**

1. Projeto Escolas na Trilha: Visitando o Horto Botânico do MN
2. Projeto A ciência dá samba: ações extensionistas do MN com a comunidade da Imperatriz Leopoldinense
3. Curso Evolução Humana
4. Evento Meteoritos e vulcões

Fonte: Autores.

A CE em seu documento destacou que nenhuma ação foi interrompida especificamente em razão do incêndio mesmo diante de todas as dificuldades de execução, pelo o contrário, dois cursos de extensão que aconteceram após o incêndio e no mesmo mês, decidiram ampliar o número

de participantes a fim de atingir mais pessoas quanto a importância da instituição (Cursos listados no Quadro 2, atividades 2 e 5). Entretanto, quatro atividades se inserem nesta subcategoria 2 devido ao não prosseguimento após o incêndio, podendo possuir outros motivos dessa exclusão. Uma delas é o projeto “A ciência dá samba: ações extensionistas do MN com a comunidade da Imperatriz Leopoldinense”, escola que no carnaval de 2018 fez o samba-enredo sobre os 200 anos do MN. Assim, não haveria motivo para seguimento no ano seguinte pois o envolvimento com a escola de samba foi consequência do tema escolhido naquele ano. Porém esse tipo de atividade colhe bons frutos nas duas vias participantes: o MN e a sociedade. Quando o MN foi tema de samba-enredo da Escola de Samba Arrastão de Cascadura no carnaval 2008, também aconteceram atividades com a comunidade da escola. Dantas (2008, p. 139) comenta que a partir desta união com a escola de samba, o MN conseguiu popularizar a Ciência por meio de ações que integraram uma instituição de pesquisa com uma região carente do RJ.

O curso “Evolução humana” pertencia ao projeto de extensão “Evolução Humana nas salas de aula: construindo materiais didáticos para a rede pública de ensino”. Esse projeto continua ativo. Contudo, o curso teve sua ação descontinuada por motivo não relatado no documento. Ele contava com três modalidades: para professores da rede pública de ensino - 40h; para alunos graduandos de licenciatura - 16h; aberto ao público geral – 8h.

As outras duas “Escolas na Trilha: Visitando o Horto Botânico do Museu Nacional” e “Meteoritos e Vulcões”, ambas frequentes nos últimos anos do MN, não prosseguiram após a tragédia. A primeira está suspensa por tempo indeterminado, mas ainda possui seu registro ativo como ação de extensão, podendo voltar com suas práticas se a equipe decidir. A segunda já possuía a decisão de encerramento pela equipe responsável antes do incêndio acontecer, se tratando de uma atividade com realização provisória. Apesar de ativa nos últimos anos, não estava acontecendo, então após o incêndio foi decidido pela equipe da CE a exclusão do cadastro do projeto.

**Quadro 6. Atividades que existiam antes do incêndio e não aconteceram após o incêndio (SAE)**

1. O Museu e o Parque com alunos do 2º seguimento do ensino fundamental das escolas públicas.
2. Manhãs no Parque - A caixa misteriosa: com alunos do 1º seguimento do ensino fundamental.
3. Curso de Extensão de Formação de Mediadores em Museus
4. Mediações nos espaços expositivos do Palácio do Paço Imperial.
5. Encontro com Educadores (com profissionais interessados em Mediação em Museus e, particularmente no MN)

Fonte: Autores.

Para a SAE, cinco atividades foram interrompidas devido ao incêndio e não voltaram a acontecer mesmo com a coleção da seção não sendo atingida. As atividades, “O Museu e o Parque” e “Manhãs no parque: A caixa misteriosa”, pertencentes ao projeto já mencionado “O museu em diálogo com seus diferentes públicos: ações de extensão da seção de assistência ao ensino do MN”

(Quadro 2) foram excluídas pois a atividade principal desses projetos era o passeio ao ar livre, com visita ao Museu Nacional e seu entorno, fazendo correlações históricas e ambientais. Estudos como o de Piaget (1994) já explicitava que a educação por meio de vivências práticas, táteis e visuais, forma uma experiência mais concreta que desperta maior interesse em alunos do que a experiência que surge longe de sua verdadeira realidade. Tanner (1978, p. 90) também fala dessas atividades práticas, “os programas ao ar livre bem conduzidos são provavelmente mais necessários do que nunca, considerando-se uma população na qual cada quatro entre cinco pessoas tem sua vida diária geograficamente isolada das grandes extensões abertas”.

Dessa forma, a exclusão dessas atividades é um fator contraproducente para a DC e para a população, sendo mais uma das consequências negativas do incêndio. Outras atividades que foram extintas após setembro de 2018 por um motivo em comum, foram o “Curso de Formação de Mediadores em Museus” e “Mediações nos espaços expositivos do Palácio do Paço Imperial”. Estas dependiam das exposições que ocorriam exclusivamente no palácio e atualmente, devido sua ausência, são distribuídas pela cidade do RJ e a maioria dos espaços expositivos possuem sua equipe própria de mediadores. Cazelli et al. (2003) destacam a importância não só da mediação, como também do investimento do museu na formação dos profissionais que desenvolvem ações voltadas para o público, principalmente quando o assunto é a mediação nas exposições. Os autores destacam que possivelmente a mediação humana seja a melhor forma para alcançar um aprendizado mais próximo do conhecimento científico apresentado.

### **Subcategoria 3: atividades criadas após o incêndio.**

Nesta subcategoria obteve-se onze atividades da SEMU (Quadro 7), quatorze da CE (Quadro 8) e seis da SAE (Quadro 9). Foram listadas aqui apenas as atividades criadas após o incêndio. Não consta no documento se as atividades foram criadas por necessidade de uma prática nova ou para substituir atividades excluídas após o incêndio.

**Quadro 7. Atividades criadas após o incêndio (SEMU)**

1. Exposição O Rio dos Navegantes
2. Exposição em comemoração aos 210 anos do nascimento de Darwin
3. Exposição Santo Antônio de Sá: a primeira vila do recôncavo da Guanabara
4. Exposição Os primeiros brasileiros
5. Exposição Quebrando o gelo
6. Exposição Maré de Cultura
7. Exposição Museu Nacional Vive: Arqueologia do resgate
8. Exposição Ressurgindo das Cinzas
9. Exposição O Museu Nacional Vive: Memórias e perspectivas
10. Projeto Museu Nacional Vive

11. Evento Festival Museu Nacional Vive

Fonte: Autores.

Chamamos a atenção, no quadro acima, o fato de nove exposições terem sido criadas após uma tragédia que queimou grande parte do acervo e todo o palácio onde ocorriam as exposições. Inferimos assim, se tratar de um resultado que se considerara positivo dentro das circunstâncias pelas quais o MN vem passando desde a tragédia. Perda da sala de trabalho, perda de uma reserva técnica, divisão de espaços pequenos entre os departamentos e seus pesquisadores, pouco espaço para coleções, professores trabalhando juntos em mesma sala, são algumas das consequências do incêndio. E, mesmo com todas os obstáculos e a falta de estrutura, o MN conseguiu realizar várias exposições, o que não é fácil devido dependência de local e acervo. Marandino (2009, p. 2) destaca as exposições como locais onde são equacionadas as relações entre coleções, objetos, espaço e linguagem. A autora revela que através da museografia das exposições é possível entender as concepções de ciência e de educação ali abordadas, concluindo que “a narrativa proposta pelas exposições é passo fundamental para realização de uma educação em ciência por meio dos museus”.

No documento, a SEMU faz uma observação: nem todas as exposições listadas houveram a participação integral da seção. As exposições “O Rio dos Navegantes” e “210 anos do nascimento de Darwin” são exemplos disto, pois produtoras de fora do museu apenas solicitaram empréstimo da coleção ao MN. Não houve produção, manutenção e nenhuma influência na escolha de peças pela SEMU, essa escolha foi realizada pela curadoria da exposição. A SEMU trabalhou na função de Courier, ou seja, acompanhou a embalagem, transporte e desembalagem do acervo emprestado. Essa função faz parte do cotidiano da seção, pois sempre é necessário alguém do MN para essas tarefas. Entretanto, nesses dois casos especialmente, além de Courier a seção também realizou a montagem e desmontagem das peças no local da exposição. Assim, as exposições foram citadas no documento por essa função extra realizada e consequentemente listadas na subcategoria 3.

As outras exposições listadas foram totalmente promovidas pela SEMU. Curadoria, produção, montagem, manutenção semanal, desmontagem foram realizadas integralmente. Ressalta-se, que em razão da inatividade do palácio, é necessário o auxílio das equipes dos locais que estão recebendo as exposições.

As exposições “Quebrando o gelo” e “Maré de Cultura” foram denominadas como exposições *pockets*, ou seja, versões menores. A primeira foi uma versão reduzida da exposição “Quando Nem Tudo era Gelo” e a segunda partiu de atividades desenvolvidas por alunos de uma escola para mostrar suas realidades, articulado com estudantes de graduação da UFRJ e com a equipe de coordenação do projeto. Ambas exposições fazem parte de um projeto de extensão: “Museu Nacional Vive”, atividade coordenada pela SEMU, CE e pelo Núcleo de Eventos.

O SEMU descreve em seu documento que não coordenava e organizava projetos de extensão antes do incêndio. Ela atuava apenas com participações em stands, mas felizmente passou a organizar esse tipo de projeto após o desastre, começando com o “Museu Nacional Vive”. Esse projeto desenvolve atividades em conjunto com a sociedade e com isso contou com a parceria da SEMU para promover essas exposições *pockets*. Elas contaram com acervos reduzidos para serem transportadas e realizadas na comunidade da Nova Holanda no bairro Maré no RJ, em parceria com uma escola da região. Outras escolas da região visitaram as exposições e conheceram um pouco do projeto, despertando o interesse em participar dessas ações para compartilhar conhecimentos e vivências. É essencial o desenvolvimento de atividades em lugares de baixa renda que vivem excluídos por boa parte da sociedade. Sobrinho (2010) diz que a privação de recursos econômicos tem relação com a privação dos meios de aquisição de conhecimentos e do acesso à cultura em geral, havendo uma maior necessidade de inclusão das comunidades nas atividades de DC dos espaços não formais.

O evento inédito, realizado na Primavera de Museus e mencionado nos resultados da SAE na subcategoria 1, é denominado “Festival Museu Nacional Vive”. No festival foram promovidas ações educativas, exposições com espécimes salvos, coleções recém-criadas ou pessoais, banners e explicações sobre diversos assuntos biológicos, históricos, antropológicos e paleontológicos. Esse evento foi organizado coletivamente pela SEMU, CE e o NCE, possuindo participação da SAE e de vários departamentos, porém foi estruturado especialmente pela SEMU. O Festival foi o primeiro evento após o incêndio e ocorreu mais três vezes durante o ano de 2019, contando com a organização principalmente do Núcleo de Eventos e uma parceria fundamental do SESC-RJ.

Uma situação visualizada nos documentos e que ocorreu depois do incêndio, se trata de um trabalho coletivo entre alguns setores, promovendo mais ações em conjunto e parcerias, tanto internas quanto externas. Percebemos esse fato como uma consequência positiva pós-incêndio e um sinal de resistência do MN e de todos seus parceiros.

Em relação as parcerias externas, todos os locais que receberam as exposições do MN foram parcerias que a SEMU buscou decorrente a inatividade do palácio. Essas relações são muito importantes, já que a exposição está usando o espaço físico desses museus, ficando com uma exposição que pode durar meses. Antes do incêndio o museu era muito procurado para ter exposições de curta duração, porém eram raras as situações que o MN promovia exposições fora de suas dependências. Portanto, existiam poucas parcerias externas, sendo quase todas com os locais que recebiam a exposição itinerante.

Apesar dessa subcategoria listar atividades criadas após o incêndio, é interessante salientar que a maioria das exposições realizadas em 2019 foram remontagens de exposições que já existiram,



ou seja, com muitas peças que já foram expostas. Entretanto, são exposições com novos desenhos, nomes, ideias, locais e com um propósito diferente: mostrar que o MN vive. As exposições consideradas totalmente inéditas foram “Museu Nacional Vive: Arqueologia do resgate” (CCBB, RJ) com peças resgatadas e recuperadas do incêndio, “Ressurgindo das Cinzas” (MAST, São Cristóvão) com meteoritos também resgatados e “O Museu Nacional Vive: Memórias e perspectivas” (Congresso Nacional, Brasília) com painéis compostos por imagens e textos contando a história do MN desde os primórdios de sua criação, até fatos importantes ao longo de sua história, incluindo um relato sobre o incêndio e perspectivas para a instituição.

**Quadro 8. Atividades criadas após o incêndio (CE)**

1. Curso Botânica no Museu
2. Projeto Arqueologia Viva: Passado, Presente e Futuro do Museu Nacional
3. Curso de Educação Patrimonial (PEP: ensino e prática em preservação)
4. Projeto Invertebrados nas escolas, na internet e no Museu Nacional
5. Evento Festival Museu Nacional Vive
6. Curso Jovem Naturalista
7. Projeto Mangueira 90 anos: registrando e materializando memórias
8. Projeto Museu Nacional Vive
9. Projeto O museu nacional na quinta: encontro com a comunidade
10. Projeto O Museu Nacional Vive nas Escolas
11. Projeto Plurilinguismo, política linguística e política de línguas: perspectivas sobre o ensino de línguas no Brasil
12. Curso Projeto Plurilinguismo, política de línguas e ensino
13. Projeto Renascer das Cinzas: memórias, histórias e trajetórias do Museu Nacional

Fonte: Autores.

No quadro 8, treze atividades da CE foram criadas após setembro de 2018, todas estão diretamente ligadas a reestruturação do Museu como Divulgador da Ciência. Entre as treze, temos atividades já discutidas: o evento “Festival Museu Nacional Vive” (SEMU, CE e SAE) e o projeto “Museu Nacional Vive” (SEMU e CE). O evento, organizado em parceria com os setores NCE e SEMU em todas as edições, a partir da segunda edição (2019) foi registrado como uma ação de extensão. Na primeira edição, ocorrida em 2018, ainda não havia um registro específico.

Com um nome similar, o projeto de extensão “Museu Nacional Vive nas Escolas” é uma ação pós-incêndio desenvolvida em parceria entre a CE e a SAE (Quadro 9). Ele proporciona atividades educativas e culturais junto aos alunos de escolas públicas e particulares, a partir da interação direta com a coleção da SAE e da mediação dialógica feita pelos educadores, mediadores e técnicos do MN (SAE, 2020).

O projeto de extensão “Renascer das Cinzas: memórias, histórias e trajetórias do Museu Nacional” têm como objetivo fazer um resgate de memória sobre o MN, a partir de entrevistas

com seus servidores, ex-servidores, pesquisadores, estudantes e visitantes. Por exemplo, esse projeto realizou oficinas em uma escola municipal, com estudantes do ensino fundamental I, buscando resgatar essa memória sobre o Museu e construir perspectivas para o futuro da instituição. Durante o “Aniversário do museu” e os festivais “Museu Nacional Vive”, a CE realizou entrevistas com o público frequentador da Quinta da Boa Vista e oficinas para a construção de mapas e memórias. Todas essas atividades contribuíram para um maior interesse do público pelas atividades desenvolvidas, ajudando na visibilidade do MN.

O projeto “Invertebrados nas escolas, na internet e no Museu Nacional” foi criado com a função de despertar o interesse de estudantes de graduação de outras instituições e estudantes do ensino médio e fundamental sobre os organismos invertebrados e, disseminar o conhecimento científico produzido atualmente sobre eles. Nele são apresentadas espécies com importância médica e econômica, aspectos morfológicos e diferenciação de grupos de invertebrados e suas interações, além de conceitos evolutivos de inter-relações entre grupos e suas origens.

Segundo Alves e Dias (2010) ainda que o uso de animais para fins medicinais seja amplamente disseminado no Brasil, esse tema tem sido pouco estudado quando comparado às plantas medicinais. Dessa forma, a criação dessa atividade é de extrema importância para a sociedade, pois ajuda na assimilação de conhecimentos necessários no cotidiano da população. Além disso, auxilia diretamente na divulgação acerca da necessidade de conservação de animais de importância medicinal usados popularmente na Zooterapia.

Com o objetivo de manter o MN vivo e em diálogo com seus públicos, foi criado também o projeto “O Museu já foi palácio: encontro com a comunidade”, parceria entre os setores CE e SAE. Ela apresenta parte da coleção didática da SAE, a qual conta com mais de 1800 lotes. Assim, são selecionados materiais seguindo diferentes temas abordados fundamentais para a sociedade: alimentação, evolução, biodiversidade marinha e equilíbrio ambiental. Essa atividade ocorria todos os domingos na Quinta da Boa Vista, mas a partir de abril de 2019 passou a ser realizada nos segundos e quartos domingos de cada mês, sem algum motivo explicado. Moreira (2017) destaca que os eventos de ruas, como os realizados por museus, revelam uma ressignificação das atividades práticas de uma instituição. Portanto, a criação de uma atividade que aproxima o público de uma forma mais descontraída em local aberto, contribui para o MN prosseguir como uma instituição de DC.

A CE também criou o projeto “Arqueologia Viva: Passado, Presente e Futuro do Museu Nacional” em parceria com o Instituto Superior de Educação (ISERJ) na cidade do RJ. Oficinas foram promovidas no Horto Botânico, prédio anexo do MN, onde foram recebidos estudantes dessa escola. Nessas oficinas, foram discutidos diversos assuntos que pertencem a história do nosso

país, por exemplo, os alunos manipularam líticos, se tornando arqueólogos e relacionando as formas dos objetos com suas diversas funções. Além disso, entraram no mundo dos Sambaquis, grandes cemitérios construídos pelas populações que ocupavam a costa do Brasil desde mais de 8000 anos atrás, produzindo miniaturas dos ritos funerários e sepultamentos. Atividades que mostram a importância do passado, trazendo relações com o presente e com o futuro do país são essenciais em instituições como museus. Para um museu que sofreu grande perda do seu acervo e materiais que exibiam a história do Brasil, é fundamental divulgar a necessidade de continuar estudando o passado e sua contribuição.

A localização do Museu Nacional aliada às diretrizes da instituição para se conectar com o público do entorno, tornou frequente a presença de famílias das vizinhanças e de outras partes da zona norte carioca (CÂNDIDO et al, 2019). E, possivelmente devido a essa característica, o projeto “Mangureira 90 anos: registrando e materializando memórias” foi desenvolvido. Ele possui a colaboração de pesquisadores e alunos do MN com o Centro de Memória Verde e Rosa (CMVR) e a Vice-Presidência Cultural do GRES Estação Primeira de Mangueira na coleta de relatos e documentos que ressaltam a memória e a história da Mangueira. A parceria das instituições vizinhas nesse projeto é um reflexo da comemoração dos simbólicos 90 anos da Escola e 200 anos do MN, em 2018 (MN, 2020). O fato desta escola de samba contar com a ajuda do museu para materializar memórias, destaca como o MN é uma instituição relevante não só para o bairro para a população de São Cristóvão e arredores, como também para todo o Brasil e para o mundo.

**Quadro 9. Atividades criadas após o incêndio (SAE)**

1. Projeto O Museu Nacional na quinta: encontro com a comunidade
2. Visita a escolas que convidaram para receber doações ou homenagens e realizavam atividades educativas de DC
3. Projeto Museu Nacional Vive nas Escolas
4. Participação no evento Festival Museu Nacional Vive
5. Mediação de Exposições do MN no Centro Cultural Banco do Brasil.
6. Mediação de Exposições do MN no Museu da Casa da Moeda.

Fonte: Autores.

Dentre as seis atividades documentadas pela SAE que se enquadraram na subcategoria 3, três já foram comentadas das discussões dos outros setores por serem tratadas de parcerias. A atividade descrita como “Visita a escolas que convidaram para receber doações ou homenagens e realizavam atividades educativas de DC” possui similaridades com o projeto “O Museu Nacional Vive nas Escolas”. Após o incêndio, o MN recebeu diversas doações e homenagens do mundo inteiro, demonstrando novamente sua relevância para a ciência. A equipe da SAE foi em escolas para receber algumas doações e, seguindo sua função principal (assistência e ensino), aproveitava a situação para realizar atividades didáticas que contribuem para a Divulgação da Ciência e do MN.

Segundo Selli (2013), muitas pesquisas sobre público de museus mostram que as escolas têm sido as principais motivadoras do contato dos alunos com os equipamentos culturais no Brasil. Mesmo com a impossibilidade das visitas escolares devido ao incêndio, os setores lutaram por prosseguir com suas atividades ligadas as escolas, mantendo o contato entre estudantes e o museu, que é relevante para a assimilação de conceitos ensinados em sala de aula e conhecimentos científicos essenciais para a sociedade.

As outras duas atividades: “Mediação de Exposições do MN no Centro Cultural Banco do Brasil” e “Mediação de Exposições do MN no Museu da Casa da Moeda” se referem as mediações nas exposições promovidas pelo MN (especificamente a SEMU), as quais foram em locais novos provenientes das parcerias externas já discutidas. Antes do incêndio, a SAE realizava o “Curso de Extensão de Formação de Mediadores em Museus” e as “Mediações nos espaços expositivos do Palácio do Paço Imperial” (Quadro 6), ou seja, era responsável por todo o processo que envolve a mediação do MN sendo interrompidas devido a inatividade do palácio. Como apontado por Cazelli et al. (2003) a mediação humana é uma forma de se alcançar um aprendizado mais próximo do conhecimento científico apresentado, sendo muito relevante em processos expositivos. Assim, a criação dessas duas atividades foi de extrema relevância nesta nova organização das exposições.

### **Considerações finais**

A reestruturação do MN não é um processo fácil, ainda mais quando se perde grande parte dele. Entretanto, as iniciativas para reerguê-lo devem focar na recomposição da vida acadêmico-científica da instituição e no relacionamento ciência e sociedade. O prosseguimento das atividades de DC é fundamental para a sobrevivência de Centros de Ciências e Museus, assim como para a DC continuar atuando é necessária a existência dos espaços não formais.

Mesmo com quase 80% do acervo afetado pelo incêndio, as coleções dos departamentos de botânica, SAE, vertebrados, invertebrados e de arqueologia, como também a biblioteca, não foram afetados por estarem em outros locais, isto possivelmente auxiliou a continuação do MN como uma entidade formadora e divulgadora da ciência. Porém, a perda do palácio e de parte do acervo influenciaram em alterações na programação e organização da instituição.

Mas, apesar dessas diversas consequências negativas trazidas pelo incêndio, tiveram mais atividades de DC que prosseguiram ou foram criadas do que atividades que foram excluídas ou interrompidas. A partir disso, podemos inferir que o MN continua caminhando como importante espaço não formal produtor e divulgador de ciência.

## Referências

- ALVES, R. R. N.; DIAS, T. L. P. Usos de invertebrados na medicina popular no Brasil e suas implicações para conservação. **Tropical Conservation Science**, v. 3, n. 2, p. 159-174, abr. 2010.
- AZEVEDO, H. J. C. C.; FIGUEIRO, R.; ALVES, D. R.; VIEIRA, V.; SENNA, A. O uso de coleções zoológicas como ferramenta didática no ensino superior: um relato de caso. **Revista Práxis**, v.4, n. 7, 2012.
- BUENO, W. da C. Jornalismo científico: conceitos e funções. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 37, p. 1420-1427, set. 1995.
- CÂNDIDO, M. M. D.; MENDES, D. T. M.; ANDRADE, R. S. G.. ROSA, M. M. O destino das coisas e o museu nacional. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 53, p. 359-384, 2019.
- CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. Educação e comunicação em museus de ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: **Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências**. Rio de Janeiro, p. 83-106, 2003.
- DANTAS, R. M. M. C. Quando um museu dá samba: a popularização do Museu Nacional da UFRJ no Carnaval carioca. **Universidade e lugares de memória**. Rio de Janeiro: WalPrint, p. 127-144, 2008.
- DENTILLO, D. B. Centros e museus crescem, mas investimento ainda é insuficiente. **Ciência e cultura**, v. 65, n. 2, p. 12-13, 2013.
- FACEBOOK DA **SEÇÃO DE MUSEOLOGIA (SEMU) DO MUSEU NACIONAL**. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/semumn/>, acessado em 15 de fevereiro de 2020.
- FALK, J.; DIERKING, L. D. Lessons Without Limit – how free-choice learning is transforming education. **Altamira Press**, California, 2002.
- JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, v. 7. n. 1, 2008.
- LEMKE, J. L. GARCIA, A. **Aprender a hablar ciência**. Barcelona, Paidós, 1997.
- LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Livros Técnico e Científicos Editora. São Paulo: EPU, 1986.
- MARANDINO, M. Museus de Ciências, Coleções e Educação: relações necessárias. **Museologia e Patrimônio**, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2009.
- MARTINS, L.; LOURENÇO, M.F.; FERNANDES, J.A.; FLORENTINO, H.A. A Educação Não Formal e a Divulgação Científica: o que pensa quem faz?. **Atas do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências - ENPEC**, Bauru, 2004.
- MOREIRA, I. B. **Picnic cultural no museu: um estudo de caso sobre os eventos de rua**, 2017, 71 p., Monografia, 2017.
- MOREIRA, I. D. C.; MASSARANI, L. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (Org.). **Ciência e público: caminhos da**

**divulgação científica no Brasil.** Rio de Janeiro: Casa da Ciência–Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, p. 44-64, 2002.

**MUSEU NACIONAL.** Disponível em: [www.museunacional.ufrj.br](http://www.museunacional.ufrj.br), acessado em 15 de fevereiro de 2020.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social.** Brasília, DF, v. 5, n. 1, p. 68-77, dez. 2011

PIAGET, J. **O juízo moral na criança.** São Paulo: Summus Editorial, 1994.

**SEÇÃO ASSISTÊNCIA E ENSINO (SAE).** Disponível em: [www.saemuseunacional.com](http://www.saemuseunacional.com), acessado em 15 de fevereiro de 2020.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Rev. Bras. de História & Ciências Sociais.** n. I, p. 1-15, jul., 2009.

SILVA, H.C da. O que é divulgação científica?. **Ciência & Ensino**, v.1, n. 1, 2006.

SOBRINHO, J. D. Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão. **Educação & Sociedade**, v. 31, n. 113, p. 1223-1245, 2010.

SELLI, P. H. **Crianças, Museus e Formação de público em São Paulo.** Dissertação de mestrado, UNESP, São Paulo, 2013.

TANNER, T. R. **Educação ambiental.** Summus/EDUSP, 158 p., 1978.